

## COMO OS ESPAÇOS MENTAIS MOLDAM A TRADUÇÃO EM LIBRAS DE HISTÓRIAS INFANTIS

### HOW MENTAL SPACES SHAPE THE LIBRAS TRANSLATION OF CHILDREN'S STORIES

*Denielli Kendrick<sup>1</sup>*

*Suellen Fernanda de Quadros Soares<sup>2</sup>*

*Alan Marlon de Mattos<sup>3</sup>*

#### RESUMO

O presente artigo analisa os processos envolvidos na tradução de uma história infantil no que se refere aos usos dos espaços mentais na elaboração dos enunciados e sentidos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca contribuir com a área dos Estudos da Tradução e Interpretação (ETILS). O material escolhido para o estudo foi a história intitulada “A Sementinha”, traduzida e sinalizada por uma professora surda, componente da equipe do Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná - CAS Guarapuava (2021). Para a produção dos dados, a história foi dividida em três momentos, e em cada um desses momentos escolheu-se uma sentença para análise e discussão de como se moldou a tradução do gênero história infantil em relação aos espaços mentais. A análise considerou se houve ou não estes cinco pontos principais: a produção imagética do enunciador no espaço de enunciação; o corpo como referência principal na organização dos usos dos espaços mentais; a predominância de qual(is) espaço(s) mental(is); a função dêitico-anafórico na estrutura sintática; a necessidade de indicação de melhor uso dos espaços mentais. Os resultados apontam a maior recorrência no uso do espaço mental token, uma vez que a tradutora utiliza-se de modo abundante dos Classificadores. Em algumas sentenças, há passagem de forma suave e com transição pontual desse espaço para o espaço mental sub-rogado, e que a história infantil sinalizada se caracteriza como importante recurso para fruição e potencializa o desenvolvimento da criança surda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução/interpretação. Libras. História infantil. Espaços mentais.

#### ABSTRACT

This article analyzes the processes involved in the translation of a children's story with regard to the uses of mental spaces in the elaboration of utterances and meanings. This is a qualitative research study that seeks to contribute to the field of Translation and Interpreting Studies (TIS). The material chosen for the study was the story entitled ‘A Sementinha’ (The Little Seed), translated and signed by a deaf teacher, a member of the team at the Support Center for the Deaf and Professionals in Deaf Education of Paraná - CAS Guarapuava (2021). For data production, the story was divided into three moments, and in each of these moments, a sentence was chosen for analysis and discussion of how the translation of the children's story genre was shaped in relation to mental spaces. The analysis considered whether or not these five main points were present: the enunciator's

<sup>1</sup> Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná (CAS Guarapuava/SEED/DEIN/PR), deniellik@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-8880-0560>.

<sup>2</sup> Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná (CAS Guarapuava/SEED/DEIN/PR), sufquadros@hotmail.com, <https://orcid.org/0009-0006-0294-6483>.

<sup>3</sup> Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná (CAS Guarapuava/SEED/DEIN/PR), alanmarlonmattos@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0002-9764-0911>.

imagetic production in the space of enunciation; the body as the main reference in the organization of the uses of mental spaces; the predominance of which mental space(s); the deictic-anaphoric function in the syntactic structure; the need to indicate a better use of mental spaces. The results indicate the greater recurrence in the use of token mental space, since the translator makes abundant use of Classifiers. In some sentences, there is a smooth passage and with a punctual transition from this space to the surrogate mental space. And that the signed children's story is characterized as an important resource for enjoyment and potentiates the development of the deaf child.

**KEYWORDS:** Translation/interpretation. Libras. Children's story. Mental spaces.

## 1. Introdução

Os Estudos da Tradução e da Interpretação (ETILS) é uma área acadêmica dedicada aos estudos e pesquisas das práticas, teorias e processos envolvidos na tradução de uma língua para a outra. Esse campo possui uma série de desdobramentos que tem como objetivo compreender e discutir os diferentes efeitos da tradução produzidos ao longo dos anos, nos mais diversos contextos. Dentre os campos contidos nos Estudos da Tradução encontram-se os Estudos da Interpretação como uma área distinta, alguns autores argumentam que a tradução e a interpretação se complementam e representam a mesma tarefa, que consiste em transferir conteúdos de uma língua para outra, com o objetivo de manter os sentidos e conteúdos intactos, sem distorções ou alterações (Lacerda, 2015).

Por outro lado, há autores que defendem que a tradução e a interpretação são atividades completamente distintas. Eles afirmam que a tradução está associada ao trabalho com textos escritos, o que permite ao tradutor mais tempo para ler e refletir sobre suas escolhas, considerando os significados e o uso das palavras na língua alvo. Além disso, destacam que, na tradução, existe a possibilidade de pesquisar em dicionários, consultar livros ou até buscar outras pessoas para discutir qual seria o sentido mais adequado a ser empregado. Já a interpretação está relacionada à comunicação interpessoal entre línguas, uma tarefa que ocorre em um curto período de tempo, de forma simultânea, sem a chance de estudo ou reflexão prolongada, exigindo agilidade para transmitir de forma imediata o que foi enunciado (Lacerda, 2015).

Entretanto, entende-se os ETILS como um campo unificado que ainda está em constituição pelos pesquisadores da área e tem se apresentado nos últimos anos como um espaço valoroso de investigação e busca consolidar-se em seus aspectos epistêmico, científico- acadêmico e político, nos termos de Rodrigues e Christmann (2023). Entre os objetivos fomentados no campo há o intuito de contribuir para o aprimoramento formativo dos profissionais da tradução e interpretação de Língua de Sinais (LS) e oferecer um conjunto de teorias, dados e conhecimentos que possibilitem a formulação e o desenvolvimento de políticas linguísticas e de tradução/interpretação.

A tradução/interpretação possui aspectos linguísticos e a compreensão desses aspectos segundo Jakobson (1995), depende dos contextos a quais estão inseridas sem o conhecimento prévio da palavra, não seja possível compreendê-la e atribuir-lhe um significado. Em outras palavras, é essencial possuir um conhecimento linguístico estabelecido para a construção de significados e suas atribuições nos diversos contextos em que podem surgir. Como Jakobson afirma: “o significado da palavra queijo,

maçã, néctar, conhecimento, ou de qualquer outra palavra ou frase, é, de maneira decisiva, um fato linguístico – ou, para sermos mais precisos e menos restritos, um fato semiótico” (Jakobson, 1995, p. 63). Nesse sentido os ETILS levam à reflexão de como esses processos são constituídos no pensamento do tradutor.

Neste artigo, ao analisarmos os processos envolvidos na tradução de uma história infantil, especificamente no que se refere aos usos dos espaços mentais na elaboração dos enunciados, busca-se contribuir para o enriquecimento dos estudos no campo dos ETILS, de modo que profissionais tradutores e intérpretes de Libras/ Língua Portuguesa olhem para sua atuação de modo mais reflexivo e reavaliem sua prática quanto a esses domínios locais e suas redes de combinações (Duque; Costa, 2012), ampliando, assim, suas experiências.

A história escolhida integra o repositório de histórias infantis sinalizadas produzidas pela equipe do Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná - CAS Guarapuava/PR<sup>4</sup>. O Centro, inaugurado em 2018, é um dos 7 centros do estado do Paraná, vinculados ao Departamento de Educação Inclusiva (DEIN), da Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED), que, desde 2021, desenvolve um projeto voltado à aquisição de língua de sinais por crianças surdas, denominado Laboratório Bilíngue<sup>5</sup>.

No contexto de atividades voltadas especificamente para crianças surdas, surgiu a necessidade de produções sinalizadas que atendessem às temáticas desenvolvidas nos encontros. Essa demanda motivou a equipe do CAS Guarapuava/PR a realizar traduções, adaptações e criações de diversos gêneros discursivos, direcionados ao público infantil, e utilizados com os participantes do Laboratório Bilíngue.

## 2. Metodologia

A produção e análise de dados se deu a partir do estudo da tradução de uma história infantil gravada em vídeo. O processo de tradução dos materiais, é realizado em equipe (por tradutores e intérpretes de Libras e professores surdos) e distribuído da seguinte forma: 1. escolha do gênero a ser sinalizado, de acordo com o tema de interação proposto para o encontro do Laboratório Bilíngue; 2. escolha de quem irá sinalizar; 3. estudo e construção de glosa; 4. gravação, com intervenções e correções, durante o processo; 5. edição do material; 6. conferência do material; 7. ajustes, quando necessários; 8. versão final; 9. divulgação e/ou uso.

Todas as etapas são tratadas com rigor para que o resultado seja um produto realmente considerado recurso pedagógico-linguístico para crianças surdas. Consideramos que o processo tradutório exige

<sup>4</sup> Parecer Consubstanciado do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) aprovou o Projeto de Pesquisa. Número do Parecer: 5.196.375. Há anuência do Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná - CAS Guarapuava/PR e autorização dos professores surdos e tradutores e intérpretes de Libras para uso de suas imagens para fins acadêmico-científicos.

<sup>5</sup> KENDRICK, Denielli. *Limites e possibilidades na educação de crianças surdas: A constituição de um laboratório bilíngue*. 2023. 238f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2023.

dos profissionais não apenas um vasto vocabulário em Libras, mas conhecimento de técnicas e habilidades específicas que possibilitem construções sintáticas coerentes e que, visualmente, produzam sentido para a criança surda.

A história sinalizada escolhida para este estudo denomina-se “A Sementinha”, do gênero literário infantil, com duração de 2 minutos e 47 segundos, traduzida por uma professora surda (CAS Guarapuava PR, 2021). A tradução é da história “Era uma vez uma sementinha”, de autoria de Judith Anderson, editora Scipione, 1ª edição, ano de 2019. O critério de escolha se deu mediante à riqueza de elementos que compõem a história, sua construção imagética e, principalmente, o modo como os espaços mentais foram explorados ao longo da narrativa.

Os principais itens analisados relacionam-se ao uso de espaços mentais na construção da tradução sinalizada, partindo da compreensão de que “os espaços mentais se referem ao que acontece por detrás das cenas quando falamos ou pensamos; são construções mentais muito complexas, até mesmo para as sentenças mais corriqueiras. São pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos” (Coscarelli, 2005, p. 291).

Assim, os elementos na produção de dados foram: 1. Se e como a produção imagética do enunciador se materializou no espaço de enunciação; 2. Se e como o corpo foi utilizado como referência principal na organização dos usos dos espaços mentais; 3. Quais espaços mentais foram utilizados com maior e menor prevalência e por quê; 4. Se e como a função dêitico-anafórico aparece na estrutura sintática; 5. Se e como os espaços mentais poderiam ser melhor explorados.

A análise ocorreu da seguinte forma: 1. Assistir ao vídeo e dividi-lo em três momentos para favorecer a análise quadro a quadro; 2. Selecionar uma sentença de cada momento tendo como critério a riqueza na construção da visualidade que a compõe; 3. Analisar os espaços mentais utilizados nas sentenças selecionadas; 4. Analisar se em cada sentença foram utilizados os cinco elementos descritos anteriormente (1. Se e como a produção imagética do enunciador se materializou no espaço de enunciação; 2. Se e como o corpo foi utilizado como referência principal na organização dos usos dos espaços mentais; 3. Quais espaços mentais foram utilizados com maior e menor prevalência e por quê; 4. Se e como a função dêitico-anafórico aparece na estrutura sintática; 5. Se e como os espaços mentais poderiam ser melhor explorados).

### 3. A tradução e interpretação

Ao discutir a tradução/interpretação deve-se pensar nas competências e habilidades que o tradutor e intérprete necessita desenvolver, pois, por meio de seu corpo, não só narra uma história, mas pode “ativar a sensibilidade para a percepção visual e transformá-la em língua, expressando-se através de todo o esquema corporal” (Ribeiro, 2016, p. 30). Para que um trabalho seja exitoso é fundamental a este profissional, por meio de um movimento intralingual, interlingual ou semiótico-intersemiótico, compreender, significar e ressignificar em sua primeira língua, garantindo uma informação fidedigna (Ribeiro, 2021).

Lacerda (2015) alerta para a habilidade que envolve a compreensão de sentidos do texto, em sua partida (texto fonte) e em sua chegada (texto alvo), e requer do tradutor e intérprete, em atuação, mais do que um domínio gramatical e de vocabulário, uma vez que se depara com alguns elementos essenciais para que se tenha equivalência entre as línguas envolvidas como “a organização sintática, os aspectos culturais muito peculiares em cada língua e a polissemia” (Ribeiro, 2021, p. 198).

As experiências culturais, linguística, social e corpórea possibilitam “ativar a percepção de nuances, vivenciar características ímpares, mergulhar no universo de conhecimento, ativar uma rede de combinações com foco na fidelidade da mensagem” (Ribeiro, 2021, p. 198). Para que uma tradução/interpretação compreenda sentenças coerentes de sentido faz-se necessário que esse intérprete e tradutor esteja “atento às nuances entre forma e significado” (Ribeiro, 2016, p. 179), uma vez que “a forma não vem se sobrepor ao sentido: os dois são indissociáveis” (Oustinoff, 2011, p. 66).

Segundo Azevedo (2010), desde a infância, somos expostos a experiências internalizadas que moldam nosso corpo físico. A recorrência dessas experiências, por sua vez, influencia nossas interações comunicativas futuras. Nesse contexto, a produção de sentidos pelo tradutor, além das experiências linguísticas que os constituem, envolve habilidades cognitivas que transcendem a atividade verbal. Essas habilidades, de natureza imagética, são acionadas durante o processo intercomunicativo, juntamente a habilidades perceptivas e corporificadas, para atribuir sentido à construção realizada. Tal atribuição de sentido baseia-se em domínios permanentes e transitórios, armazenados em uma enciclopédia mental (Ribeiro, 2021).

Essas experiências corpóreas possibilitam ao tradutor da língua de sinais, por meio de todo esquema corporal, desenvolver a capacidade de mensurar algo, como “a distância, o tempo, o tamanho, a quantidade, a velocidade, o espaço, a intensidade”, com ou sem o uso de um léxico, de expressões faciais, de movimentos corporais, de direcionamento do olhar, a partir de uma “competência cognitiva construída a partir de nossas experiências em relação ao nosso entorno” (Ribeiro, 2016, p. 130).

Entre os desafios que concernem uma tradução/interpretação está o de garantir que uma informação chegue de forma fidedigna na língua-alvo, seja por um movimento intra-interlingual ou semiótico-intersemiótico. O ato de traduzir/interpretar implica domínio de alguns elementos como a organização sintática, conhecimento cultural das línguas envolvidas e a polissemia para que esse profissional consiga estabelecer maior equivalência possível entre as línguas.

Outro ponto que se atribui ao tradutor é o conhecimento sobre os tipos de tradução existentes e suas implicações no processo tradutório. Jakobson (1975, p. 64-65), definiu três tipos: 1. “A tradução intralingual, ou reformulação (*rewording*), consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”. 2. “A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua”. 3. “A tradução inter-semiótica, ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais”.

Para exemplificar os processos envolvidos no ato de traduzir/interpretar, Ribeiro (2021, p. 207) apresenta um diagrama que representa esse processo tradutório cognitivo-corporificado.



**Figura 1:** Diagrama - Processo Tradutório cognitivo-corporificado



Fonte: Ribeiro (2021).

Na perspectiva da autora, no processo de tradutório/interpretativo são acionados diferentes domínios cognitivos em relação a simulação mental, esses domínios são interligados e interdependentes como apresentado no diagrama.

O profissional, em um primeiro momento, busca em seu conhecimento prévio a significação mental para o produto que deve realizar a tradução, ou seja, ele busca informações que possam contribuir para a compreensão do discurso fonte. Na sequência, o seu processo é de imaginar as possíveis formas em que esta tradução pode ser feita considerando todos os aspectos linguísticos, culturais e sociais envolvidos no contexto, a fim de buscar adequações e equivalências para o texto de chegada. Dessa forma, os domínios sentencionais são acionados para a construção das enunciações.

A partir dessas construções e de todas as estruturas mentais estabelecidas nesse processo inicial, em que o profissional constrói sentidos e faz as suas escolhas tradutórias, por meio de subsídios cognitivos já presentes em seu repertório linguístico e cognitivo, e com base na imaginação, ele produz as sentenças e dá a elas uma significação.

### 3.1. A tradução/interpretação de histórias infantis

Quando discutimos sobre a construção da infância surda, emerge-se uma necessidade de possibilitar que a criança surda tenha acesso a um mundo fantástico, como possibilidades de fruição de histórias que a leve a imaginar e estabelecer relações com o real, a partir de materialidades que satisfaçam essa necessidade imagética. Estimular que essa criança acompanhe histórias em sua língua enriquece não apenas seu desenvolvimento cognitivo, mas influencia também na constituição de sua subjetividade. Os *inputs* durante o acesso a uma história sinalizada proporcionam à criança surda significar e ressignificar, de acordo com construtores mentais envolvidos.

Na literatura surda infantil, Mourão (2011) apresenta três eixos principais de produção: criação, adaptação e tradução. As características da história criada é o ineditismo, são histórias originais produzidas a partir de ideias e contextos muito próximos aos vivenciados na comunidade surda, geralmente os autores são surdos, exemplificamos com a história de “O Feijãozinho Surdo”, da escritora Liege Gemelli Kuchenbecker, 1ª edição, editora Ulbras, 2009. Schlemper (2019) aponta que há poucas produções literárias infantis produzidas, “no Brasil ainda é escasso o material literário infantil criado pelos sujeitos surdos e disponibilizado ao público” (n.p.).

As adaptações trazem clássicos infantis remodelados, geralmente com experiências surdas envolvidas no contexto da história, “alguns dos personagens antes ouvintes passam a ser surdos, ou então, a interagir com personagens surdos. Nas adaptações, se expressa a busca da identidade surda e do empoderamento do povo surdo por meio do uso da língua de sinais” (Schlemper, 2019, n.p.). Há mudanças significativas no texto adaptado. Um exemplo é “O patinho surdo”, dos autores Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa, 1ª edição, editora Ulbra, 2011. A história é adaptada de “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen, de 1843.

Por fim, nas histórias traduzidas não há alteração do texto original, utiliza-se da tradução equivalente para construir a história sinalizada e disponibilizar à comunidade surda. “A tradução por sua vez, acontece ao se disponibilizar, em Libras, um conto, poesia, anedota ou outro gênero literário escrito em outra língua” (Schlemper, 2019, n.p.). As alterações são de ordem linguística e estrutural de uma língua para outra, ou seja, elementos de uma tradução intermodal, pois envolve o texto escrito em língua portuguesa para a Libras, em vídeo.

Nesse sentido, uma tradução/interpretação, voltada ao público infantil, bem construída na língua de sinais, leva a criança surda não apenas a despertar sua imaginação, mas, também, apropriar-se de sua língua de modo a internalizar elementos fundamentais que auxiliarão na construção e no aperfeiçoamento de sentenças, na ampliação de vocabulário e no desenvolvimento de sua competência imagética. Sentenças construídas erroneamente poderão atrapalhar esse processo.

Cabe, portanto, ao profissional tradutor utilizar-se de técnicas tradutórias/interpretativas, bem como, dominar os espaços mentais, para que o desenvolvimento linguístico desse público, que enfrenta uma escassez de materialidades em sua língua, seja robustecido.

#### 4. Os espaços mentais nas línguas de sinais

A análise da complexidade sintática das línguas de sinais (LS) se baseia na observação dos tipos de estruturas envolvidas. Estruturas simples geralmente seguem a ordem sujeito-verbo-objeto (SVO), ou variações dessa ordem. Já as estruturas mais complexas incorporam múltiplos referentes e sentenças subordinadas (Quadros; Cruz, 2011). O discurso em LS acontece no espaço de sinalização, também chamado de espaço neutro, ou espaço de enunciação com função anafórica. O espaço de sinalização está à frente do corpo do enunciador.

A função anáfora é um recurso linguístico que permite a retomada de um referente já mencionado no discurso, sem a necessidade de repeti-lo integralmente. Reis, Pinheiro e Bidarra (2016) destacam que a função anafórica estabelece correferência com o antecedente e que o entendimento completo depende dos elementos introduzidos na enunciação. Comumente, a anáfora vem acompanhada da função dêitica, são processos diferentes, mas acontecem simultaneamente, esse fenômeno gera a coesão textual visual na organização das ideias enunciadas.

Nas línguas de sinais, a função dêitica manifesta-se por meio da apontação direta. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizante, através de apontamentos em diferentes locais. Nesse contexto, o espaço emerge como um elemento crucial para a coesão e a coerência na sinalização. O dêitico-anafórico, recurso de coesão textual que permite aos sinalizantes introduzir referentes no discurso (dêixis) e, subsequentemente, referir-se a eles (anáfora), foi investigado em diferentes línguas de sinais como a Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS) (Reis; Pinheiro; Bidarra, 2016).

Nesse contexto, a produção de sentidos no discurso do enunciador transcende o uso de regras gramaticais, envolvendo estruturas cognitivas independentes. Dentre essas estruturas, os *Espaços Mentais* destacam-se como fundamentais para a construção de significados.

Espaços mentais são articulações entre domínios construídos no momento em que pensamos e sinalizamos para fins de compreensão em ações reais. Eles contêm elementos e são estruturados por frames<sup>6</sup> e modelos cognitivos. Espaços mentais estão ligados ao conhecimento esquemático envolvendo a memória de longo prazo. [...] Espaços mentais são construídos e modificados à medida que pensamento e discurso se desenrolam e são ligados uns aos outros por vários tipos de mapeamentos, em particular, de mapeamentos de identidade e de analogia. Postula-se que a nível neural, espaços mentais são conjuntos de conjuntos neuronais ativados e que as conexões entre os elementos correspondem a um processo de coativação-ligação. Deste ponto de vista, espaços mentais operam na memória de trabalho, mas são construídos, em parte, pela ativação de estruturas disponíveis a partir da memória de longo prazo (Fauconnier, 2007, p. 351 *apud* Ribeiro, 2021, p. 199-200).

Ribeiro (2021) apresenta a teoria dos espaços mentais, proposta por Fauconnier (1985, 1994) e investigada nas línguas orais. Liddell (2000), por sua vez, contribuiu para essa teoria ao aplicá-la e investigá-la na Língua de Sinais Americana (ASL), identificando três tipos específicos: o real, o sub-rogado e o token, a saber:

O espaço mental real, em particular, representa mentalmente o ambiente físico imediato onde ocorre a enunciação em língua de sinais. Este espaço mental, denominado ‘real’, é diretamente influenciado pelo que está fisicamente presente no ambiente da enunciação. Ele utiliza a apontação (dêixis) para se referir a pessoas e objetos presentes no local naquele momento. O espaço real marca a presença da primeira e segunda pessoas do discurso (sinalizador e interlocutor, respectivamente), embora também possa incluir pessoas e objetos da terceira pessoa. “Espaço mental real é a concepção

<sup>6</sup> De acordo com Ferrari (2014), o termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento a partir da esquematização da experiência. Refere-se à estrutura semântica dos itens lexicais e construções gramaticais.



do que é fisicamente real no ambiente em que ocorre a enunciação” (Quadros; Cruz, 2011, p. 50), ou seja, o que é percebido como presente e real no local e no tempo de conversação (Araújo, 2016).

O espaço mental sub-rogado, representa pessoas e objeto como se estivessem presentes, o enunciador “empresta” seu corpo para vivenciar a cena. Assim, existe semelhança no modo como se faz alusão ao espaço sub-rogado e aos referentes fisicamente presentes. Representa uma espécie de encenação e pode enunciar algo que já aconteceu ou algo que irá acontecer. Nesse espaço, o enunciador interpreta o papel de narrador e dos personagens que participam da narrativa. É possível enunciar a pessoa ou objeto que não está presente, “por meio da apontação para algum lugar no espaço que fica marcado para referências anafóricas. É um espaço muito usado pelo surdo para narrar suas histórias ou se remeter a fatos ocorridos em sua vida ou na de terceiros” (Araújo, 2016, p. 1165). Por exemplo, o enunciador pode fazer a marcação no espaço de sinalização de duas pessoas e a cada momento que um sinaliza, usa do processo anafórico para marcar a pessoa que “incorpora”.

O espaço mental Token é a representação da terceira pessoa em uma enunciação, podendo ser uma pessoa, um animal, objeto ou lugar. A sinalização ocorre em espaço mais limitado, em comparação com os dois espaços mentais supracitados. Os referentes são marcados em algum ponto imaginário no espaço e sempre que for apontado, o interlocutor tem a compreensão do elemento, pois inicialmente deve ter sido estabelecido no discurso, “a referência às pessoas do discurso é feita por meio da terceira pessoa, mesmo que sejam indivíduos do ato de fala ‘eu-tu’. Essa forma prevê o uso da área que fica em frente ao corpo do sinalizador, como se pudesse visualizar um tabuleiro com pequenas ‘peças’ de representação” (Araújo, 2016, p. 1166). Trata-se, portanto, de um espaço que integra uma mistura do espaço real com o espaço mental relativo à conceitualização da situação enunciada (Moreira, 2007).

Anchieta (2017) ressalta que a participação do corpo possibilita que “vozes e perspectivas estabelecidas a partir de diferentes níveis de intersubjetividade atuem simultaneamente. Enquanto as mãos do tradutor - para este trabalho - sinalizam como narrador, seu corpo age, concomitantemente, como um personagem corporificado” (Anchieta, 2017, p. 71). O uso dos espaços mentais nas línguas de sinais ocorre com a participação do corpo do enunciador durante a sinalização, ao mesmo tempo, as expressões faciais podem exprimir atitudes, pensamentos, emoções que podem ser do enunciador ou dos personagens que representa e a direção do olhar é elemento essencial para compreensão do interlocutor.

Neste sentido, Azevedo (2010) ao tratar do uso dos espaços mentais aponta que vários esquemas imagéticos são formados e estão presentes nas formas que, linguisticamente, construímos significados. As categorias discursivas da Teoria dos Espaços Mentais “correspondem a noções que vemos mais facilmente atuar relativamente à percepção visual/espacial” (Azevedo, 2010, p. 88). A autora denomina algumas categorias que estruturam os espaços mentais: de Base, Ponto de Vista, Foco e Evento.

Ribeiro (2016, p. 76) conceitua sinteticamente as categorias, definindo a Base como “o espaço no qual o discurso está ancorado, o ponto de partida do discurso, correspondendo em geral, mas nem sempre, ao aqui e agora do falante (realidade do falante)”; o Foco “é o espaço para o qual se dirige a atenção”; o Ponto de Vista como “o espaço a partir do qual outros espaços são acessados ou estruturados, o ponto de referência para as categorias tempo-aspectuais”; e, Evento como “o espaço no qual a estrutura do evento ou a situação indicada pelo verbo é construída”.

Essa organização em categorias, na prática, remete-se à dinamicidade dos espaços e submete-se a restrições variadas, de cunho gramatical, lexical, pragmática e contextual. Assim, por meio dos espaços mentais, constrói-se um deslocamento de um espaço Base para qualquer outro espaço referido na sentença. O uso desses espaços mentais exige do sinalizante domínio da língua e habilidades cognitivas para que os sistemas de processamento sejam enriquecidos e, assim, consiga significá-la e ressignificá-la de acordo com o propósito comunicativo de cada situação.

A ativação de redes de sentido acontece na mente das pessoas usuárias da língua através dessas relações imagéticas de sentido, do uso de léxicos, classificadores, expressão corporal, entre outros recursos da língua que possibilitam a marcação de interlocutores a diferentes espaços onde se ancoram referentes dêiticos.

## 5. Análise e resultados

A história escolhida para análise conta como uma semente se torna uma planta, a partir da experiência de dois personagens: uma menina e seu avô, que acompanham esse processo de transformação.

**Figura 2:** A história traduzida para Libras



**Fonte:** CAS Guarapuava/PR - <https://www.youtube.com/watch?v=0UPxgghM3NA>

Organizamos a história em três momentos, vejamos:

**Momento 1:** (11” até 50”) “Em um belo dia ensolarado, estava a menina no seu balanço, a balançar. E ela viu o seu vovô cultivando flores, cuidando de suas flores. E ela balançando começou a imaginar: como será que crescem as flores.

Foi então que ela resolveu descer do seu balanço e pegou um pacotinho de sementes de flores e foi até o seu vovô.

**Momento 2:** (51” até 1’46”) - Vovô, vovô, por favor, eu quero saber como nascem as flores.

- Ah, você quer saber como nascem as flores? Eu vou te ensinar.
- Ai, que bom, vovô!
- Oh, você precisa prestar atenção. Vamos colocar terra neste vasinho, né, vamos enchê-lo de terra. Você está vendo esta sementinha aqui? Nós vamos colocá-la agora na terra. Organizamos aqui, oh, e precisamos ainda colocar água para regá-la e você deverá fazer isso todos os dias.
- Ok, vovô. Eu vou cuidar para a minha flor nascer muito bonita. E os dois levaram o vasinho de flor e deixaram ele em um lugar.

**Momento 3:** (1’47” até 2’46”) Passou-se os dias, eles foram lá olhar aquela flor e regá-la para que começasse a brotar. Passaram-se mais alguns dias e quando eles viram estava aquela sementinha e, de repente, com o passar do tempo, lindas flores se criaram.

- Ah, que flores lindas! Ai, elas são tão lindas! As minhas flores!
- Vovô, vovô, venha ver que lindas as minhas flores.

O vovô foi olhar e, realmente, as flores eram lindas. E, assim, ele chamou sua netinha para passear. Os dois foram passear e observavam a natureza e seus encantos”.

Na sequência, apresentamos as sentenças escolhidas em cada momento e os espaços mentais identificados.

### Quadro 1: Espaços mentais no momento 1

#### Momento 1

**Sentença:** Em um belo dia ensolarado, estava a menina no seu balanço, a balançar.

#### Espaços mentais utilizados

**Token:**



(11” a 15”) - Representa o dia ensolarado com o classificador NASCER DO SOL. Quando o movimento chega no ponto mais alto, faz o sinal de SOL.

**Token:**



(15'' a 18'') - Localiza o elemento ÁRVORE, à sua esquerda e o TRONCO com uso de classificador, onde o elemento BALANÇO está alocado.

(18'' a 20'') - O BALANÇO em movimento, com a configuração de mão que representa uma PESSOA SENTADA a se balançar.

**Sub-rogado:**



(20'' a 22'') - Marca o gênero MENINA, com o sinal e traz para seu corpo o movimento de BALANÇAR.

**Fonte:** Elaboração dos autores.

**Quadro 2:** Espaços mentais no momento 2

**Momento 2**

**Sentença:** Vamos colocar terra neste vasinho, né, vamos enchê-lo de terra. Você está vendo esta sementinha aqui? Nós vamos colocá-la agora na terra.

**Espaços mentais utilizados**

**Token:**



(1'11'' a 1'15'') - Coloca o elemento VASO DE FLOR à sua esquerda, coloca o elemento TERRA dentro do vaso e faz a marcação, utilizando o classificador de encher, para indicar que o vaso ficou cheio de terra.



(1'16'' a 1'20'') - Utiliza-se de dêixis para reforçar o elemento SEMENTE DE FLOR mostrado anteriormente.



**Real:**



(1'22" a 1'25") - Coloca a SEMENTE DE FLOR NO VASO. A construção reforça a ideia de que o vaso já está cheio de terra. Realiza a sinalização no espaço de enunciação a partir da imagem ilustrada na história escrita, conforme aparece ao fundo, trazendo a imagem da ilustração para o espaço de sinalização.

**Sub-rogado**



(1'21" a 1'22") - Realiza processo anafórico para representar a ação da MENINA em pegar a semente da mão do avô e trazer para si.

**Fonte:** Elaboração dos autores.

### Quadro 3: Espaços mentais no momento 3

#### Momento 3

**Sentença:** Os dois foram passear e observavam a natureza e seus encantos.

#### Espaços mentais utilizados

**Token:**



(2'34" a 2'35") - Direcionamento do olhar, de cima para baixo (alguém mais alto olha para alguém mais baixo), indicando o olhar do vovô para a netinha. Uso o sinal de PASSEAR.



(2'36" a 2'37") - Uso do classificador de DUAS PESSOAS (dedos indicadores de cada mão) acrescido de movimento, para indicar que os personagens caminham lado a lado. Direcionamento do corpo - marca a saída do espaço onde estavam observando o vasilho de flor para outro espaço onde é estruturado o espaço NATUREZA.



**Token:**



(2'38" a 2'40") - Uso de classificador de plural para construir o espaço NATUREZA (ÁRVORE + MOVIMENTO).

**Sub-rogado:**



(2'41" a 2'45") - Incorpora o vovô e segura a menina no seu colo.

**Fonte:** Elaboração dos autores.

Nas sentenças analisadas há prevalência dos usos do *espaço mental token*. A tradutora utiliza-se dos Classificadores de forma abundante, isso resultou na utilização deste espaço em maior quantidade, há passagem do uso de um espaço mental token para espaço *mental sub-rogado* de forma suave e com transição pontual, percebe-se isso com clareza no Momento 1, “(18” a 20”) - O BALANÇO em movimento, com a configuração de mão que representa uma PESSOA SENTADA a se balançar.; (20” a 22”) - Marca o gênero MENINA, com o sinal e traz para seu corpo o movimento de BALANÇAR”.

Os detalhes incorporados pela tradutora possibilitam a produção imagética de uma criança a se balançar, remetendo em sua expressão corporal a ação de balançar, por meio do movimento e a expressão facial que retrata a leveza do brincar em um balanço, a tradutora empresta seu corpo para trazer a personagem para o presente e, assim, vivenciar a cena, utilizando-se do *espaço mental sub-rogado* para realizar esta construção visual. Uma construção apenas utilizando os sinais [MENINA + SENTAR + BALANÇAR] não traria a mesma riqueza na construção de sentido.

No momento 2, na sentença selecionada identificamos três pontos para análise. Inicialmente, temos: “Vamos colocar terra neste vasilhinho, né, vamos enchê-lo de terra.”, em que a tradutora faz uso do *espaço mental token*, apropriando-se de classificador para construir a cena, indica segurar um VASO DE FLOR, coloca o elemento TERRA dentro do recipiente e indica que este vaso ficou cheio de terra. Visualmente, conseguimos acompanhar o processo que ela faz. Na sequência, em: “Você está vendo esta sementinha aqui?”, utiliza-se de dêixis para retomar o elemento SEMENTE, que já havia sido contextualizado anteriormente. Nessa construção, não é apenas sinalizar [SEMENTE + VER], mas o direcionamento do olhar, a expressão, o apontamento, a forma como a tradutora segura o pacote de sementes e como demonstra, enriquecem a construção.

O *espaço mental sub-rogado* é bem estabelecido na contação da história, como vemos no Momento 3, “(2’41” a 2’45”) – Incorpora o vovô e segura a menina no seu colo”. Um dos principais elementos utilizados para explorar este espaço é o uso do processo anafórico, com o movimento do tronco, da cabeça e a marcação do olhar. Há diálogos entre os personagens que se compreende quem está enunciado apenas pelos usos da marcação de abaixar a cabeça e o olhar para enunciar e de elevar a cabeça e o olhar para enunciar, virando o tronco, mostrando assim, que ora é o avô, ora é a menina.

O *espaço mental real* aparece em menor quantidade, é uma escolha da tradutora não acompanhar as posições dos elementos das imagens e trazê-las ao espaço de enunciação. Vemos no Momento 2, uma das poucas ocasiões de uso desse espaço, “(1’22” a 1’25”) – Coloca a SEMENTE DE FLOR NO VASO. A construção reforça a ideia de que o vaso já está cheio de terra. Realiza a sinalização no espaço de enunciação a partir da imagem ilustrada na história escrita, conforme aparece ao fundo, trazendo a imagem da ilustração para o espaço de sinalização”. O uso do espaço real caracteriza-se pela expressão do que está representado no espaço de enunciação, concebido como real, presente, no caso, em “Nós vamos colocá-la agora na terra”, a construção da sinalização se deu a partir da imagem do livro, tradutora a remete no modo de segurar o elemento VASO e de alocar o elemento TERRA e no modo de direcionar seu olhar para a ação.

A estrutura da história sinalizada traz elementos significativos para o gênero história infantil, com as imagens da ilustração original ao fundo, contextualizando a contação da história, trazendo significação à medida que as imagens auxiliam na construção e relação dos enunciados em Libras. A tradutora traz em suas expressões faciais e corporais a leveza e inocência da menina que é uma das protagonistas. Da mesma forma, representa o personagem do avô carinhoso, atento e muito calmo para ensinar a neta. Tais características são essenciais para o gênero e proporciona à criança surda possibilidades de fruição da história e potencializa seu processo de aquisição da língua de sinais, enquanto materialidade surda.

Aspectos importantes utilizados pela tradutora como o uso de classificadores, expressões faciais e corporais, marcação de olhar, posição da cabeça, movimento do tronco, apontamentos, movimento visual e performance adequada ao gênero explorado, usos adequados dos espaços mentais, foram explorados de modo compatível ao gênero abordado, durante toda a sinalização.

## Considerações finais

Os Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), enquanto área acadêmica, têm apresentado avanços significativos em suas diversas vertentes, impulsionando discussões aprofundadas sobre os processos de tradução e interpretação e seus impactos na construção do conhecimento. Nesse contexto, destaca-se a utilização da gravação em vídeo de produções sinalizadas como um valioso instrumento para aprimorar as análises e debates em torno das metodologias e dos diferentes aspectos envolvidos na tradução e interpretação.

Sendo possível com esse instrumento a análise minuciosa e precisa de todos os aspectos que compõem uma tradução ou de métodos e práticas específicas, como no caso o uso e exploração dos

*espaços mentais*. O registro em vídeo permite o entendimento de quais habilidades, competências, técnicas e estratégias estão sendo utilizadas e como elas se aplicam, permitindo uma reflexão aprofundada sobre os processos tradutórios.

Posto isso, concordamos com Azenha (2005) ao enfatizar que materializada por videogravação, edição e composição didático-pedagógica, a tradução serve como rica fonte para descrever e analisar as práticas dos tradutores em tais circunstâncias, contribuindo para o conhecimento nas metodologias, visando implementar a tradução de ou para a língua de sinais. A reflexão sobre o fazer tradutório possibilita a construção de conhecimento nesse campo.

A gravação em vídeo, enquanto recurso didático-pedagógico, oferece um meio valioso para a exploração da compreensão e da narração, impulsionando o desenvolvimento linguístico dos sujeitos a quem esse material se destina. No contexto de histórias infantis, essa potencialidade se articula de forma criativa com o conceito de *Mãos Literárias*, idealizado por Mourão (2016). Nessa abordagem as mãos sinalizantes buscam produzir efeitos expressivos nas narrativas sinalizadas, fluidez e utilização de inúmeros recursos linguísticos para explorar a visualidade, como o uso de classificadores, os espaços mentais, apontamentos, marcação de olhar, entre outros, agregando camadas de significado que enriquecem a experiência da criança surda. Ao terem acesso a histórias infantis em formato de vídeo, as crianças surdas são beneficiadas em seu desenvolvimento cognitivo e linguístico, além de terem sua forma de ser e expressar-se em língua de sinais valorizada.

A produção sinalizada de histórias infantis torna-se assim um elemento importante para o desenvolvimento e a aquisição linguística das crianças surdas, visto que estão contidos nesse processo aspectos como a produção cognitiva, narrativa e compreensiva desses sujeitos, além dos aspectos culturais e linguísticos envolvidos que dependem de diversos fatores, como por exemplo o contato com outras maneiras de sinalização. Esses registros oportunizam aos sujeitos um contato real com outras sinalizações e contribuem para o desenvolvimento dos mesmos.

Além das contribuições acima citadas, o registro em vídeo e a sinalização de histórias infantis é um instrumento potencializador para que os sujeitos aprendam a construir corretamente as questões gramaticais e linguísticas da língua de sinais, bem como, o uso de outros aspectos que são intrínsecos às línguas e vão sendo aprendidos de forma natural, mas sistematizados por meio dessas histórias.

Desta forma, a contação de histórias em Libras mostra-se como um excelente recurso para que crianças surdas se apropriem da língua de sinais e desenvolvam a linguagem em seus aspectos de ordem compreensiva e expressiva, desde que o tradutor saiba aplicar técnicas tradutórias e interpretativas, como é o caso dos usos dos *espaços mentais*, para moldar a tradução deixando-a adequada ao gênero sinalizado e ao público que se almeja alcançar.

Esses e outros fatores envoltos na tradução/interpretação têm evidenciado a necessidade de os profissionais tradutores e intérpretes de Libras aprofundarem-se em conhecimentos sobre a gramática e a linguística dessa língua visual, bem como, aperfeiçoarem-se em técnicas tradutórias/interpretativas para que tenham domínio dos diferentes gêneros discursivos que circulam nos mais diversos meios

em que atuam, considerando as especificidades de seu público surdo, como por exemplo, o infantil, que terá, muitas vezes, como referência linguística esse profissional. Tal demanda apenas reafirma a necessidade de oferta de formação de qualidade e de pesquisas científicas que discutam sobre o processo tradutório na prática.

## Referências

ANCHIETA, Ester Vitória Basílio. *Incorporação e partição do corpo: o espaço sub-rogado no discurso narrativo de uma tradução de literatura infantil do português para a Libras*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/183235>. Acesso em: 25 mar. 2025.

ARAÚJO, Magali Nicolau de Oliveira de. A alternância no uso dos espaços token e sub-rogado na narrativa do surdo. *Revista Intercâmbio*, Brasília, n. 6, 2016.

AZENHA JÚNIOR, João. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 9, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/73944>. Acesso em: 9 abr. 2025.

AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta de. Uma breve apresentação da Teoria dos Espaços Mentais e da Teoria da Mesclagem. In: HERMONT, Arabie Bezri; *ESPIRITO SANTO*, Rosana Silva; *CAVALCANTE*, Sandra. (org.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Ed. PUC Minas, 2010.

CAS GUARAPUAVA PR. *A Sementinha*. Youtube, 20 de set. de 2021. 2 min 47s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0UPxgghM3NA>. Acesso em: 29 mar. 2025.

COSCARRELLI, Carla Vieira. Uma conversa com Gilles Fauconnier. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 2, pp. 291-306, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982005000200012>. Acesso em: 25 mar. 2025.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal, RN: EDUFRN 2012.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*, Cambridge: Mit Press/Bradford. 1985.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.

JAKOBSON, Roman. *Aspectos linguísticos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1975.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Intérpretes de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

Como os espaços mentais moldam a tradução em Libras de histórias infantis

LIDDELL, Scott. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: McNEILL, David. (org.). *Language and gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MOREIRA, Renata Lúcia. *Uma descrição da Déixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13112007-103644/>. Acesso em: 01 abr. 2025.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. *Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32311>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. *Literatura Surda: experiência das mãos literárias*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151708/001012805.pdf?seque>. Acesso em: 25 mar. 2025.

OUSTINOFF, Michael. *Tradução: história, teorias e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de; CRUZ, Carina Ribeiro. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

REIS, Leidiane da Silva.; PINHEIRO, Valdenir de Souza; BIDARRA, Jorge. O processo anafórico na Libras: classificadores em evidência. *Anais... do V Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*. Florianópolis, 2016. Disponível em: [https://www5.unioeste.br/portaunioeste/images/files/GpPORLIBRAS/3704\\_-\\_Artigo\\_Completo.pdf](https://www5.unioeste.br/portaunioeste/images/files/GpPORLIBRAS/3704_-_Artigo_Completo.pdf). Acesso em: 25 mar. 2025.

RIBEIRO, Veridiane Pinto. *A linguística cognitiva e construções corpóreas nas narrativas infantis em Libras: uma proposta com foco na formação de TILS*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/177579>. Acesso em: 22 mar. 2025.

RIBEIRO, Veridiane Pinto. Linguística cognitiva e língua de sinais: por uma tradução visuo- corpórea-espacial. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 1-14, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1647>. Acesso em: 25 mar. 2025.

RODRIGUES, Carlos Henrique; CHRISTMANN, Fernanda. As pesquisas brasileiras sobre tradução e interpretação de língua de sinais: os ETILS na pós-graduação em estudos da tradução. *Cadernos de Tradução*, v. 43, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/94239>. Acesso em: 22 mar. 2025.

SCHLEMPER, Michelle. As traduções infantis em Libras: O uso da literatura no processo de aquisição sinalar de crianças surdas. *REVISTA RE-PRODUÇÃO*, v. 6, p. 1, 2019. Disponível em: <https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/revista-reproducao/ver-noticia.php?id=111>. Acesso em: 04 abr. 2025.